

De imigrantes a cidadãos

*“É-me preciso mudar
Da terra que amo e moro
Terra que muito adoro,
A minha pátria natal.
Magino na beira-mar,
Me entristece o coração,
Lagadiço, lameirão,
Pois a fome não é peca,
Nesta tão terrível seca,
Foge, povo do sertão!”*

(Registro de poesia popular no pior momento da seca de 1887, na Paraíba)

O Imigrante, por definição, é a pessoa que se estabelece em um país que não é aquele em que nasceu. No entanto, a questão não é tão simples assim. Cada caso de imigração tem a sua particularidade. Em comum, todos os imigrantes buscam uma só coisa – melhores condições de vida. Quer seja em busca de emprego, oportunidades de fazer cursos, fuga de guerras, motivos políticos, entre inúmeros outros motivos.

Diante da definição do que vem a ser um imigrante, é possível identificar uma diferença entre o que acontece na prática. A grande maioria vêm em busca de trabalho, para juntar uma quantia de dinheiro ou realizar um objetivo, como comprar uma casa, abrir um negócio ou pagar os estudos. Mas, não vêm com a intenção de imigrar. A estada é temporária, ou seja, trata-se de uma imigração sazonal.

Nestes casos, a definição de “migrantes” é a que melhor descreve a trajetória desses estrangeiros, apesar desta denominação ser usada para o indivíduo que muda de uma região para a outra, no interior de um país. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas), “o migrante pode constituir família, conseguir ocupação e fazer amigos no local para onde migrou ou, ao contrário, ter deixado tudo isso na localidade na qual morava, para tentar a sorte em outra cidade. Faz novos amigos, arranja outro emprego, sendo possível até que volte ou mande vir para junto de si seus familiares. Isto quando não migram famílias inteiras”.

No entanto, mudanças como essas parecem simples, porém, mexem com diversas estruturas, tanto econômicas quanto sociais, tanto de um país como de outro. Além disso, mexe com a questão da identidade cultural de cada pessoa. Muito além de transpor barreiras geográficas, um imigrante deve ultrapassar barreiras culturais.

Cidadania migrante

As alterações causadas devido ao aumento do fluxo migratório nos últimos tempos, tem levado os governos a criarem uma política migratória mais severa. Este é o caso dos Estados Unidos, que aprovaram recentemente uma lei que pretende

criminalizar as pessoas indocumentadas no país.

A busca, cada vez maior, por títulos de cidadania tem aumentado as discussões ao redor do tema. Mas, ser cidadão pode não ser a resposta para os problemas para nenhum dos lados. A cidadania não surge do nada como um toque de magia, nem tão pouco a simples conquista legal de alguns direitos significa a realização destes direitos. É necessário que o cidadão participe, seja ativo, faça valer os seus direitos, caso contrário, eles ficarão só no papel.

A lacuna na legislação norte-americana no que tange as leis de imigração e s t á

justamente em não conseguir qualificar este imigrante específico, que se caracteriza por não deixar de ser sazonal, mas que adia sua volta porque encontrou aqui a oportunidade de trabalho que o seu país natal não foi capaz de lhe oferecer, sem conseguir definir sua posição dentro do

“A cidadania expressa um conjunto de direitos que dá à pessoa a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo de seu povo. Quem não tem cidadania está marginalizado ou excluído da vida social e da tomada de decisões, ficando numa posição de inferioridade dentro do grupo social”.

(DALLARI, Direitos Humanos e Cidadania. São Paulo: Moderna, 1998. p.14)



quadro social do país. Ao contrário do imigrante legítimo - aquele que escolhe viver nos Estados Unidos- o sazonal não aspira a cidadania norte-americana com a intenção de ser mais um atuante civil. Ele aspira a legalização do seu trabalho, da sua presença e da sua liberdade de ir e vir.

Um porquê para imigrar para os Estados Unidos

De acordo com uma pesquisa sobre o mercado brasileiro feita pela Fundação Perseu Abramo, em nove regiões metropolitanas do país, e publicada no dia 24 de maio de 2006 no jornal Valor Econômico, no Brasil, apenas 36% dos jovens entre 15 e 24 anos têm emprego, outros 22% já trabalharam mas estão desempregados atualmente. Na média, os jovens demoram 15 meses para conseguir o primeiro emprego ou uma nova ocupação, nas regiões metropolitanas. No total, 66% deles precisam trabalhar porque todo o seu ganho, ou parte dele, complementa a renda familiar.

Nos Estados Unidos, os empregos para quem está no ensino médio ou na faculdade estão em alta, tanto que em New York, por exemplo, como informou o jornalista Gilberto Dimenstein em entrevista à rádio CBN, não se conseguem candidatos para empregos de salva-vidas em meio período (US\$60 por dia), porque a maioria dos estudantes já está trabalhando em outras ocupações que dão mais dinheiro.

Migrar na Aldeia Global

No mundo globalizado, onde as nações estão praticamente interligadas cultural e economicamente, é quase impossível não conviver com o estrangeiro, com filosofias diferentes e outras realidades.

A imigração se faz presente no cotidiano da sociedade desde o início da civilização. No entanto, nas últimas décadas, tem aumentado consideravelmente o número de pessoas que optam por viver em outro país.

De acordo com dados das Organizações das Nações Unidas - ONU, o número de imigrantes no mundo praticamente duplicou na segunda metade do século XX, com 120 milhões em 1990 contra 75 milhões em 1965.

A África, por exemplo, tinha, em 1990, um total de 16 milhões de imigrantes, a maioria fugindo de guerras civis que tomaram conta do continente após a descolonização. Já a Ásia abriga 43 milhões de estrangeiros, a maior quantidade registrada no mundo.

Na Europa Ocidental, a maior parte dos 25 milhões de imigrantes vieram de países subdesenvolvidos da América, África e Ásia. A América do Norte, por sua vez, acolhe 24 milhões de estrangeiros, vindos boa parte também de nações subdesenvolvidas.

Na América Latina, o número é bem menor: 7 milhões. Muitos deles refugiados dos conflitos ocorridos na década de 70, em países da América Central. Na Oceania, o número de imigrantes fica na casa dos 5 milhões.

Em meados deste século, a imigração de pessoas de países subdesenvolvidos para nações desenvolvidas aumentou consideravelmente. De 1960 a 1989, o movimento totaliza 24,5 milhões. As regiões mais procuradas são América do Norte e Europa Ocidental. Conforme documento da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), esse fluxo se estabilizou na década de 90.

A imigração por razões familiares, ou seja, de parentes de imigrantes já instalados, é predominante em países industrializados. Também ganha força a imigração de mão-de-obra especializada, por causa da expansão do comércio internacional, do crescimento das empresas multinacionais e do intercâmbio de conhecimento. Os considerados trabalhadores especializados são aqueles indivíduos que possuem nível universitário ou uma experiência muito vasta em uma determinada área.

O aumento do desemprego, no entanto, registrado a partir dos anos 70, vem criando resistência à imigração. Com isto, leis mais rígidas de imigração vêm sendo praticadas, como a Lei Débret, aprovada na França em 1997, e a Lei de Responsabilidade pela Imigração, que entrou em vigor no EUA no mesmo ano.

De acordo com a ONU, cresce a porcentagem de países que adotam políticas antiimigratórias. Em 1976, era de 6%, passando para 32%, em 1989 e assim gradativamente até os dias de hoje, como por exemplo o projeto de lei do governo norte-americano, que prega a caça aos imigrantes em situação irregular e visa impedir a entrada de mais imigrantes através da construção de um muro protegendo a fronteira entre Estados Unidos e México.